



Isabel Gondim: uma nobre figura de mulher

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Isabel Gondim**: uma nobre figura de mulher. Natal: Terceirize, 2003.

Jomar Ricardo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba

246

Maria Arisnete Câmara de Moraes é Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutora na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales – Paris. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenadora da Base de Pesquisa *Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias* da UFRN. Entre outras publicações de artigos em periódicos e capítulos em livros, encontra-se o livro *Leituras de mulheres no século XIX*, Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

Na introdução, ela fala do itinerário percorrido. Antes de chegar ao formato livresco, *Isabel Gondim*, passou por diversas etapas da precípua atividade acadêmica, a discussão, iniciada em 1997. Arisnete Moraes apresentou e debateu suas proposições em Encontros e Congressos Regionais, Nacionais e Internacionais sobre mulheres, relações de gênero, educação e História da Educação. Em 2001, publicou um artigo, em Natal, sobre a importância de Isabel Gondim como educadora, quando resolveu aprofundar a pesquisa que terminou por extrapolar as dimensões de um artigo. Eis o livro!

O livro recenseado é uma biografia de Isabel Gondim (1839-1933), nascida na antiga província do Rio Grande do Norte, mais precisamente na Vila Imperial de Papari, atual cidade de Nísia Floresta. Dedicou toda a sua trajetória de vida à educação e deixou marcas na sociedade de seu tempo, pelos manuscritos e pelas publicações de livros que ora são objetos desse estudo. Esse trabalho, ao contrário do que possa sugerir o subtítulo, não é um desfile de datas registrando fatos memoráveis da vida de uma pessoa, ou o discurso apologético à destacada personalidade do passado, aos moldes da



historiografia positivista. Explica-se. A expressão, *Uma nobre figura de mulher potiguar*, foi a epígrafe da carta de pêsames pela morte da escritora, assinada por J. Paraná, publicada no *Diário de Pernambuco* e transcrita no jornal *A República*, pouco mais de mês do seu falecimento.

A autora reconstrói a vida da professora Isabel Gondim, tendo como foco da análise sua produção intelectual, a partir das seguintes problematizações: “em que consiste? Qual o conteúdo dessas obras? Qual é a história das edições desses livros?” Procura no processo de investigação encontrar o sentido indicado por essa produção e a inserção da mulher (educadora, escritora, mãe) na sociedade, na fase de transição do final século XIX para o início do século XX.

Seus principais interlocutores são Nobert Elias e Roger Chartier. Em relação a Nobert Elias realiza um corte epistemológico, passando a utilizar o conceito de “configuração,” em que ela evidencia “[...] as diferentes maneiras como são construídas as interdependências e tensões que unem e opõem as pessoas, tomando como ponto de partida uma situação bem particular: o papel de Isabel Gondim nessa configuração, na qual tempos e ausências são preenchidos.” (MORAIS, 2003, p. 27). Sua interpretação, por esse viés, fica patente quando perscruta as relações interpessoais tanto na família, quanto na vida social da escritora.

Ela retoma de Chartier os elementos envolvidos na discussão concernente às edições de livros. Para ele, uma pesquisa sobre a história das edições considera os suportes materiais a incidirem na apropriação do sentido que o leitor fará, diferente, portanto, daquele intencionado pelo autor. Ao encontro desse historiador a autora afirma que “[...] interrogar-se sobre a história da transmissão dos textos não é simplesmente uma questão bibliográfica, mas são também as significações históricas, estéticas e culturais das obras, a partir mesmo da sua materialidade.” (MORAIS, 2003, p. 73). Não há a produção do livro distanciado do contexto cultural.

Podemos também perceber, ao apresentar as razões da escolha da temática, as motivações subjetivas. Ela não esconde o afeto, sentido ao designar as sensações que lhe tocam o âmago profundo das emoções com termos como “fascínio, desejo.” Estamos diante de uma particularidade da sociologia weberiana. Há uma identificação subjetiva do sujeito que pesquisa para com o sujeito pesquisado.

As concepções teóricas adotadas não se sobrepõem ao tema analisado, de modo a se coadunarem ao conjunto da narrativa, fazendo do texto um todo articulado, em que se reconhece o arcabouço conceitual perpassando o processo de descoberta, desde a elaboração da problemática até a produção da escrita.

A autora elabora a sua narrativa com a consciência de que ela é uma ficção: “À medida que se instalam os atores e atrizes da época, esse espetáculo demonstra à posteridade valores e interdependências que dizem respeito àquele momento histórico.” (MORAIS, 2003, p. 85). É uma ficção, mas no sentido em que o historiador tem o objetivo, na acepção de Michel de Certeau, de produzir um *efeito de real*. Esse efeito é corolário da relação que se estabelece entre as fontes e a construção do enredo. Diferentemente do romancista, o historiador submete a sua narrativa à verdade dos acontecimentos que existiram.

Em seus procedimentos metodológicos realiza minuciosa investigação, a procura de indícios que não só a levassem a responder as arguições iniciais, mas descortinassem a possibilidade de outros problemas: “[...] busquei anseios de mulher, de busca de amores ou amor, mas não encontrei.” (MORAIS, 2003, p. 86). Para a consecução do empreendimento foi-lhe oportunizada o acesso ao acervo particular da família Gondim, em que pode conferir e cotejar informações de outras procedências com a documentação original. Com isso resolve dúvidas a respeito da data de nascimento da autora em questão e arrola os títulos de manuscritos a publicar. Quanto a este último aspecto, retifica as afirmações da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Verificou *in loco*, na cidade de Nísia Floresta, que o desiderato da escritora, consignado no testamento, de construir um asilo para abrigar meninas órfãs, não se realizou.

Pela semelhança da temática podemos comparar esta obra com uma outra, referência na historiografia paraibana, *Anayde: paixão e morte na revolução de 30*, de José Joffily, Rio de Janeiro, Record, 1983. Entre este e **Isabel Gondim** há diferenças. Uma delas se refere aos paradigmas adotados. O autor consulta arquivos públicos e particulares, jornais, revistas, porém sua análise ficou atrelada aos documentos na condição de dados que falam por si. Não interpreta os fatos coligidos por crivo teórico que permitisse uma perspectiva mais ampla dos acontecimentos a envolver a intrépida professora. Um pressuposto está na contextualização da década de 20, em que os fatores



econômicos são elementos relevantes, para a explicação dos eventos políticos sucedidos no Estado. Assim sendo, a vida de Anayde Beiriz perde-se no emaranhado de contendas entre as oligarquias locais pela disputa da hegemonia do aparelho estatal. Desta forma, a situação de atraso sócio-econômico do Estado da Paraíba responde pela mentalidade arcaica a permear as relações sociais entre os sexos.

O livro de Arisnete Moraes está dividido em capítulos que trazem as multifaces da pesquisada e suas posições sobre diversos assuntos: educação, família e sociedade. É em relação a esses temas que, de forma sucinta, passamos a fazer referências, sem a pretensão de esgotar a riqueza posta em cada um deles.

Uma preocupação de Isabel Gondim foi a família. Nesta instituição ela deu os primeiros passos de escritora, ao se aproximar de uma literatura que incluía, entre outros pensadores, Rousseau e Spencer. Em meados do ano de 1866 ingressa no magistério, aposentado-se em 1891. Sempre guiando-se pela ética cristã, defende o preceito do cuidado dos filhos para com os pais, em momentos de necessidade e velhice. Advertia com o mesmo princípio de honestidade e espírito de abnegação, o sobrinho que adentrava para a vida pública.

Numa sociedade em que os valores masculinos preponderam diante dos anseios de emergência social das mulheres, Isabel Gondim conseguiu a publicação de parte de seus livros, contrafeita a opinião corrente de que a mulher ao escrever "*vira homem*." Em nossa opinião, é nessa ambivalência que reside a melhor contribuição da obra resenhada, por analisar as tensões entre indivíduo e sociedade, trazendo a luz as maneiras de como as fronteiras e funções entre os sexos estavam demarcadas e como Isabel Gondim oscila entre os dois campos. Se, por um lado, exercer o papel de escritora era inapropriado para a mulher, o conteúdo, por outro, de algumas obras, tinha o escopo de educar as pubescentes para um comportamento recatado e virtuoso, adequado aos padrões civilizados. Ao mesmo tempo declara ojeriza a Nísia Floresta, sua contemporânea e compatriota, por não se enquadrar ao modelo de mulher estabelecido socialmente e tão prezado por ela.

A meta das autoridades públicas do século XIX, entrevista nos discursos oficiais, era soerguer o país rumo ao progresso, tendo na educação escolar o instrumento primordial. Isabel Gondim na labuta cotidiana do exercício da

profissão tinha a preocupação de fazer isso acontecer na realidade, por intermédio da leitura. Mulher do seu tempo, enraizada nas condições culturais do período, ela sugeria para as alunas leituras que não as conduzissem para atitudes desviantes do que então se entendia por bons costumes. Por isso desaconselhava os romances da escola realista.

As edições dos livros de Isabel Gondim merecem a atenção especial de Arisnete Morais. Ela registra as revisões e ampliações efetivadas nas reedições. Recupera as táticas que a escritora usava para divulgação dos trabalhos, compensando a "desvantagem" em estar mulher, por meio do capital social, *configurado* nas relações de amizade com pessoas de influência e autoridades políticas.

A contar com a receptividade do livro *Reflexões às minhas alunas*, O livro **Isabel Gondim** nos leva a pensar a importância da expressão de Câmara Cascudo referente à imposição do "silêncio deprimente" à mulher. Numa sociedade de poucos leitores, o livro recebeu no período de um lustro, duas edições. As razões do êxito editorial são elucidadas no decorrer das reflexões.

A autora, assim como sua biografada, possui a consciência da historicidade de suas obras. Isabel Gondim ao lavrar em testamento a responsabilidade de um membro da família pelo zelo das possíveis edições de seus livros. Arisnete Morais na passagem em que corrobora a transitoriedade do fazer histórico.

Um dos méritos da narrativa está em fazer com que o leitor interaja pensando, imaginando e dialogando com ela, deixando-o construir parte do sentido do texto, que pulsa no silêncio das entrelinhas. Arisnete Morais, com isso, não põe termo à vida da "personagem," mas suscita-lhe a abertura para o devir histórico. Finaliza, diante da tessitura enredada, com uma atitude filosófica, ao questionar os limites de conhecimento acerca da protagonista desse breve romance. Todavia, o seu intento foi alcançado, em suas palavras, deixando que as vozes constituintes da *configuração* dissessem por si mesmas como percebiam Isabel Gondim e como ela própria se percebia naquela sociedade.

Ms. Jomar Ricardo da Silva
E-mail | jomarricardo@uol.com.br

Recebido 30 jun. 2004
Aceito jul. 2004